

A AVENTURA DA CONDIÇÃO HUMANA

Sandro Luiz Bazzanella¹
(entrevistado)

Tiago Mendes de Oliveira² e
Gilson Luiz Rodrigues Souza³
(entrevistadores)

1) Fale um pouco sobre você e sobre sua formação.

Sou graduado em filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco (Santa Rosa/RS), no ano de 1989. Naquela época fazíamos licenciatura em filosofia e, por decorrência de carga horária, podíamos credenciar junto ao Ministério da Educação em outras duas. Assim, optei por Sociologia e História.

Em 2000, iniciei os estudos no *Stricto Sensu* cursando mestrado em Educação e Cultura na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). O objeto de pesquisa vinculou-se a questão do “Niilismo em Nietzsche e a Ambivalência em Bauman, como leitura das contradições e paradoxos que nos assiste civilizatoriamente no Ocidente”.

Em 2006, iniciei os estudos de doutoramento na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), concluídos em fins de 2010, com o objeto de tese: “A centralidade da vida em Nietzsche e Agamben frente a metafísica ocidental e a biopolítica contemporânea”.

2) Qual a contribuição das Humanidades (História, Filosofia, Sociologia, Literatura, Artes, Línguas, Cultura, Ética, Cidadania, Direitos Humanos...) para a sua profissão?

As Humanidades expressam a complexidade do mundo humano. Junto com as ciências exatas e com as naturais, as ciências humanas compõem os intensos e extensivos esforços humanos de compressão de seu lugar e sentido no mundo. Neste sentido, as humanidades constituem um conjunto de conhecimentos sobre a aventura da condição humana, que se expressam nos costumes, nas tradições, nas formas linguísticas, na música, na poesia, na literatura, nas artes. Todos estes momentos do fazer o mundo e, fazer-se no mundo, são marcas indelévels no tempo conformando a trajetória histórica que se perde na noite dos tempos e que nos trouxe até este momento do mundo.

Assim, as humanidades promovem um conhecimento que se caracteriza pelo empenho na compreensão do mundo em sua totalidade, a partir das mais variadas formas de expressão humana, na relação consigo mesmo, com os outros seres humanos e, com a totalidade da vida. Promovem, sobretudo formas de compreensão do fenômeno humano e da vida presentes no mundo, a partir do reconhecimento dos limites implicados na pretensão humana de

<p>Folha Acadêmica do CESC ISSN 2358-2839 (impresso) / ISSN 2358-209X (online) Centro de Ensino Superior de São Gotardo</p>	<p>Número XXI jan-mar 2019</p>	<p>Trabalho 05 Páginas 20-24</p>
<p>http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica</p>	<p>periodicoscesg@gmail.com</p>	

conhecer algo, de conhecer aquilo que lhe é externo, de pretender conhecer aquilo que ele mesmo nomeia de realidade, conferindo à ela sentido e veracidade.

Neste contexto, as humanidades se apresentam como fronteira ética diante dos imperativos da técnica, de conhecimentos excessivamente apresentados como objetivos e, sobretudo, da pretensão de hegemonia da racionalidade instrumental, que parte do pressuposto de que se há condições técnicas para se fazer algo não faz sentido perder tempo com questionamentos sobre os impactos humanos, ambientais e vitais deste fazer, simplesmente que se faça.

Em minha atividade profissional as humanidades me permitem cotidianamente ter presente que o “mundo é humano, demasiadamente humano” (Nietzsche), morada e condição definitiva de todas as formas de vida em suas potencialidades que nele se apresentam em determinado tempo e espaço. A partir desta percepção de ser lançado no mundo, dividindo o mundo com outros seres e afirma-se o compromisso de conformar minha atividade profissional em movimentos de cuidado com o mundo na perspectiva apresentada e defendida por Hannah Arendt.

3) Você acredita que estas áreas são importantes para todas as profissões? E para a formação integral do ser humano?

A luz da resposta à questão anterior, afirmamos que as humanidades não são apenas importantes para todas as profissões, mas são fundamentais. Todas as vezes que os seres humanos abdicam da capacidade de pensamento, de reflexão, da dimensão estética da existência produzem-se situações dramáticas que agridem a vida em toda sua extensão e intensidade vital. Tomemos como exemplo as trágicas guerras que ocorreram somente no século XX. Milhões de vidas ceifadas nos campos de batalha, nas cidades. Vidas despedaçadas, abandonadas, mutiladas.

Afirmar que tais tragédias foram o resultado do desvario de alguns poucos líderes políticos ou militares, é desconsiderar o fato determinante de que tais humilhações à vida, e de agressão ao mundo, foram o resultado de uma razão tecno-científica aplaudida e requerida pelos seres humanos e pelas sociedades naquele contexto. Mas, o fato mais incômodo é que a mesma racionalidade instrumental e procedimental que produziu a morte em larga escala encontra-se presente em nosso meio na atualidade.

É neste contexto de constante vigilância aos excessos da razão instrumental que as

<p>Folha Acadêmica do CESH ISSN 2358-2839 (impresso) / ISSN 2358-209X (online) Centro de Ensino Superior de São Gotardo</p>	<p>Número XXI jan-mar 2019</p>	<p>Trabalho 05 Páginas 20-24</p>
<p>http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica</p>	<p>periodicoscesg@gmail.com</p>	

humanidades assumem significativa importância na formação de profissionais dos mais variados campos do conhecimento humano e, por extensão, na formação integral do ser humano. Aqui vale lembrar a frase inscrita na famosa gravura elaborada pelo pintor e gravador espanhol Francisco Goya. Criada entre 1797 e 1799 “O sono da razão produz monstros”. Deixada a própria sorte a razão instrumental produz armas de destruição em massa e as coloca em operação, transforma a vida humana em meio a serviços de fins instrumentais.

4) Por que estas áreas frequentemente sofrem com redução de investimentos, cargas horárias, disciplinas... na educação básica e superior? Elas representam algum risco?

Parece-me que não se trata do fato de que representem um risco. Talvez fosse interessante antes de tudo esclarecer o que compreendemos por risco e em relação a que e a quem. Mas, por hora deixemos a parte tais questões em função das exigências conceituais que lhe são inerentes e em função do espaço de que dispomos.

Inicialmente, é preciso ter presente que com a emergência da racionalidade tecnocientífica moderna, da revolução industrial, entre outros tantos fenômenos correlatos, a ênfase de investimentos em pesquisa foi

direcionado para áreas técnicas, que supostamente produzem resultados imediatos às demandas de produção, uso e consumo das massas e de acumulação do capital. Mas, evidentemente que o argumento da racionalidade tecno-científica como manifestação do *ethos* moderno não explica a realidade de forma suficiente, mas aponta para o fato incontestável dos limites às ciências humanas em âmbito mundial.

No caso brasileiro, é preciso considerar algumas outras questões quando falamos em investimentos em âmbito educacional. Se observarmos a trajetória de constituição de nosso sistema educacional, sobretudo de forma mais intensa no período republicano (1889 aos dias de hoje), constatamos uma forte tendência a modelos com ênfase técnica para o mercado de trabalho. Nesta direção, poderíamos falar de dois modelos educacionais. Um para a formação da mão-de-obra a baixo custo para o mercado de trabalho e, que acolheu e acolhe a maioria dos estudantes. Outro modelo para a formação de profissionais liberais, de possíveis carreiras em altos escalões do serviço público destinados majoritariamente à classe média. Também, nesta proposta educacional a ênfase é por uma educação e um ensino instrumentais.

Nossa condição de país subalterno na divisão internacional da produção e do consumo, na produção de ciência e

<p>Folha Acadêmica do CESC ISSN 2358-2839 (impresso) / ISSN 2358-209X (online) Centro de Ensino Superior de São Gotardo</p>	<p>Número XXI jan-mar 2019</p>	<p>Trabalho 05 Páginas 20-24</p>
<p>http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica</p>	<p>periodicoscesg@gmail.com</p>	

tecnologia, associado às dificuldades de nos reconhecermos como sociedade brasileira contribuem para as instabilidades na definição de uma proposta educacional consistente. Nesta perspectiva, de tempos em tempos e ao sabor das demandas produtivas, de ciclos políticos e econômicos redefinimos nossa proposta educacional, ora com tendências mais tecnicistas, ora com tendência para uma formação humana integral.

Neste momento, estamos vivenciando a derrocada de um ciclo de desenvolvimento iniciado no processo de redemocratização e findado com o *impeachment* de Dilma Rousseff em 2016. O esgotamento do ciclo de desenvolvimento é a oportunidade para acirramento das contradições sociais, para as pressões dos grupos sociais que controlam o regime de acumulação do capital, para as pressões do mercado para diminuição do papel social do Estado e, por decorrência de tal condição, a massificação do discurso das necessidades de reforma do Estado em suas diversas frentes: previdenciária, tributária, federativa e educacional, como condição da instauração da eficiência e da eficácia gerencial e da garantia de contratos de remuneração do capital.

É neste contexto, que estamos “assistindo” a propostas educacionais que propõe a retirada do currículo as humanidades, com ênfase nas ciências

exatas e da comunicação sob o argumento de maior instrumentalização dos educandos para o mercado de trabalho. Como decorrência das contradições acima descritas da crise do ciclo de desenvolvimento, assiste-se a discursos políticos e de parte da sociedade que imputam às humanidades a disseminação de discursos e conhecimentos ideologicamente situados em confronto com o capital. Apresentam à sociedade o argumento falacioso de que as humanidades promovem discursos de esquerda de matriz socialista e comunista. Sob tal perspectiva, apresentam-se propostas como escola sem partido, a retomada de valores religiosos e tantas outras tolices do gênero.

Todas estas questões políticas, econômicas e sociais que constituem uma sociedade subalterna, como a brasileira corroboram com as estratégias de cerceamento de investimentos e apreço pelas ciências humanas. Trata-se de desconsiderar a formação humana integral com ênfase na liberdade de iniciativa, de autonomia, de um pensar crítico e criterioso em benefício de uma formação técnico-burocrática para a produtividade e os interesses da lógica de acumulação.

E assim, de ciclos políticos e econômicos, vamos adiando decisões estratégicas para a conformação das bases de uma sociedade autônoma e desenvolvida suficientemente.

<p>Folha Acadêmica do CESC ISSN 2358-2839 (impresso) / ISSN 2358-209X (online) Centro de Ensino Superior de São Gotardo</p>	<p>Número XXI jan-mar 2019</p>	<p>Trabalho 05 Páginas 20-24</p>
<p>http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica</p>	<p>periodicoscesg@gmail.com</p>	

5) Quais autor@s e livros você recomendaria aos noss@s leitor@s?

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: O Poder Soberano e a Vida Nua**. Trad. de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

_____. **Profanações**. Tradução e apresentação de Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.

BAZZANELLA, Sandro Luiz; ASSMANN, Selvino José. **A Vida como Potência a partir de Nietzsche e Agamben**. São Paulo: Editora LiberArs, 2013.

BAZZANELLA, Sandro Luiz (Org.). **A Atualidade de Auschwitz: Reflexões acerca da obra: "o que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha"**. São Paulo: LiberArs, 2018.

FÁVERI, José Ernesto; CANI, Luiz Eduardo; BAZZANELLA, Sandro Luiz. **Realidade Nacional e Crise Atual: entre a cultura e a barbárie**. São Paulo: Editora LiberArs, 2018.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim Falou Zaratustra: Um livro para todos e para ninguém**. Tradução Mário da Silva. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

¹ Currículo: <http://lattes.cnpq.br/8758284212355714>.

² Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade do Estado de Minas Gerais e graduado em Pedagogia pelo CESG. Técnico da Diretoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Viçosa *Campus* Rio Paranaíba e editor de periódicos científicos no CESG. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/1429155121636329>.

³ Doutorando em Educação, com bolsa CAPES, e licenciado em Pedagogia pela Universidade de Uberaba, mestre em Turismo e Meio Ambiente pelo Centro Universitário UNA e licenciado em História pelo Centro Universitário Newton Paiva. Professor e coordenador no CESG. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/8435741689596078>.

<p>Folha Acadêmica do CESG ISSN 2358-2839 (impresso) / ISSN 2358-209X (online) Centro de Ensino Superior de São Gotardo</p>	<p>Número XXI jan-mar 2019</p>	<p>Trabalho 05 Páginas 20-24</p>
<p>http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica</p>	<p>periodicoscesg@gmail.com</p>	